

# Huawei: mais do que um incidente diplomático

O seu peso mundial nas telecomunicações faz com que o caso **extravase a esfera política**

O caso Huawei está para ficar. Depois da prisão da sua administradora financeira por suspeitas de cumplicidade em fraude para contornar sanções dos EUA ao Irão, Donald Trump prepara represálias contra o gigante tecnológico chinês. A Reuters noticiou esta semana que o Presidente norte-americano quer avançar com uma ordem executiva no próximo ano que impeça empresas daquele país de adquirirem equipamento de fabricantes considerados de risco para a segurança nacional, onde se incluem a Huawei e a ZTE, grupos chineses que os EUA dizem estar ao serviço da espionagem do Governo de Pequim.

Ora, a dimensão que a Huawei adquiriu nos últimos anos, num sector tão sensível como o das telecomunicações, faz com que este seja um tema que está longe de se limitar à esfera diplomática. Ou sequer aos EUA. Com os cerca de 40% das redes móveis europeias nas mãos da Huawei, aquilo que começou por ser um conflito mais circunscrito, há muito que se alargou, não estando livre de assumir um carácter mais sistémico tendo em conta o nível de envolvimento entre operadores de telecomunicações europeus e a Huawei.

A empresa é hoje o maior fornecedor mundial de equipamento de telecomunicações, com receitas que, em 2017, superaram os €7,4 mil milhões. Ultrapassou os colossos Ericsson e Nokia e é um dos três maiores fabricantes do mundo de telemóveis. Entre as suas valências está o fabrico do equipamento de rede para antenas móveis, a tecnologia que possibilita a conexão entre redes telefónicas e o software para o controlo destas. O tema Huawei está, por isso, longe de ser um problema linear e de fácil resolução.

O grau de cobertura e infiltração no mercado, a par da mestria tecnológica, fazem com que dificilmente um corte com a Huawei, nomeadamente no 5G,

provoque danos apenas a Oriente. Vejamos o exemplo, precisamente, da Quinta Geração de Internet Móvel. A transição para o 5G é um comboio em andamento, que soma já anos de investigação e investimento, e em que a Huawei já está mais do que a bordo. Um rompimento drástico com a Huawei traria custos elevados e podia, em vários casos, comprometer a tão necessária transição. Esta nova tecnologia visa responder ao crescimento alucinante do volume de dados que atualmente circulam na internet e que tornam necessária uma maior capacidade de conexão e transmissão de dados nas redes móveis. Só que o caminho para o 5G implica um passo intermédio em que começará por ser 'Non Stand-Alone', ou seja, dependerá do 4G para existir e, logo, dos fornecedores do mesmo, onde se incluiu, em larga escala, o grupo chinês.

## As suspeitas em torno da segurança

A questão da segurança e proteção dos Estados tornar-se-á ainda mais relevante precisamente com o 5G. A quinta geração vai aplicar-se a muito mais funções e processos do que o 4G o que significa que será muito mais vulnerável do que a geração anterior. Uma avaria total ou sabotagem poderia ter consequências catastróficas. Há quem desdramatize, lembrando que o poder e capacidade de controlar as infraestruturas de telecomunicações ocidentais pela Huawei não é ilimitada. A verdade é que a soberania tecnológica vale muito hoje e as disputas entre países jogam-se num tabuleiro altamente sofisticado, muito virtual e em que a distância geográfica ou os meios militares deixaram de ser um travão.

O Ocidente teme a utilização, por parte de Pequim, destes fabricantes para ter acesso a informação confidencial. O fundador da Huawei, antigo oficial do exército chinês e especialista em tecnologia militar, encaixa, na perfeição, na narrativa oficial chinesa do homem que nasceu e cresceu pobre, estudou, entrou no exército e lançou do zero a Huawei, criando um império. Só que, para o Ocidente, o capital privado chinês não é garantia de independência face ao poder político. Veja-se o facto, por exemplo, de, em 2017, a Huawei ter recebido €170 milhões em subvenções diretas do Estado chinês, a que se juntam as linhas de crédito concedidas pelo Banco Central aos operadores africanos e latino-americanos que compraram redes Huawei. Perante a forte crise reputacional, o grupo chinês voltou a negar, recentemente, qualquer ligação aos serviços de inteligência de Pequim. Mas o assunto tão cedo promete não esmorecer.

MARIA ANA BARROSO  
mabarroso@expresso.impresa.pt

## NÚMEROS

# 21%

é o crescimento das receitas que a Huawei estima atingir este ano, crescendo para €95,7 mil milhões

# 26

é o número de contratos 5G que a Huawei diz já ter assegurado, apesar da polémica em que está envolvida